

PALÍNDROMO

21

ISSN - 2175-2346

Volume 10, Número 21, julho 2018



Expediente

REVISTA PALÍNDROMO**ISSN 2175 2346****UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA – UDESC**

Reitor: Prof. Dr. Marcus Tomasi

CENTRO DE ARTES – CEART

Diretora Geral: Prof. Dra. Maria Cristina da Rosa Fonseca da Silva

DEPARTAMENTO DE ARTES VISUAIS – DAV

Chefe: Prof. Dra. Sandra Maria Correia Fávero

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES VISUAIS – PPGAV

Coordenadora: Prof. Dra. Jocielle Lampert de Oliveira

EDITORES

Prof. Dra. Rosangela Cherem (editora chefe)

Prof. Dra. Sandra Ramalho e Oliveira

Prof. Dra. Yara Guasque

EDITOR DE SEÇÃO

Prof. Dra. Rosangela Cherem

Ms. Viviane Baschiroto

CORPO EDITORIAL TÉCNICO

Discentes bolsistas de mestrado e doutorado do PPGAV:

Ms. Silfarlem de Oliveira

Ms. Viviane Baschiroto

Ms. Rafael Schultz Myczkowski

Ms. Cyntia Werner

Sebastião Gaudêncio Branco de Oliveira

CONSELHO DE PARECERISTAS – Palíndromo v.10, n.21 , 2018

Ana Luiza Andrade

Ana de Figueiredo da Costa

Ana Luiza Nunes
Christiane Arcuri
Chrystianne Ivanóski
Clediane Lourenço
Clelia Maria Campigotto
Consuelo Schlichta
Daiana Schröpel
Fellipe Teixeira Albuquerque
Fernanda Trentini Carneiro
Gustavo Araujo
Heloisa Espada
Luciana Rassier
Maria Salete Borba
Mário Carvalho
Marlen De Martino
Martha Kaschny Borges
Moema Rebouças
Nadia da Cruz Senna
Nadja Lamas
Sandra Mónica Oliveira
Thays Tonin
Vera Didonet Thomaz

FOTO DA CAPA

Sebastião G. Branco
Sem título, 2017, fotografia.

DIAGRAMAÇÃO

Camila de Araujo Merizi

CONTATO

revistapalindromo@udesc.br

A Revista Palíndromo é uma publicação do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais do Centro de Artes da Universidade do Estado de Santa Catarina. Existe desde 2004, inicialmente na forma impressa e depois apenas em modo eletrônico a partir de 2009. Trata-se de uma revista digital sem fins lucrativos e concebida para ser um veículo de divulgação de pesquisas e produção de conhecimento, devidamente inscrita na plataforma do Sistema Eletrônico de Editoração de Revistas (SEER).

Palíndromo é uma palavra de origem grega que indica o que pode ser lido numa direção e também no sentido inverso, ou seja, de trás para frente. Aversa à ordem e às normas pré-estabelecidas, a pesquisa em/ sobre artes visuais remete não apenas a normas negadas, como demanda constante revisão de dados, processos e reorganização de ideias, acolhendo o que pode ser pensado como transito e travessia que desconhece uma só direção.

Sumário

EDITORIAL	07-09
SEÇÃO TEMÁTICA	
<i>Tecendo memórias e ausências: autobiografia como matéria da arte</i> Rita Isabel Vaz e Bernadette Maria Panek	10-26
<i>O fim d'artista: desconstrução e reconstrução do eu pelo processo criativo</i> Jéssica Becker	27-52
<i>Homo Fragilis: Lygia Clark e as confissões heterotanatográficas</i> Marlen de Martino	53-75
<i>Memória e imagem nas obras de Juliana Crispe</i> Francine Regis Goudel	76-89
<i>A construção de si mesma: a presença da figura de Kiki de Montparnasse no cenário vanguardista</i> Anelise Valls Alvarez	90-100
<i>O dispositivo videográfico e as narrativas de si mesmo e do outro: videocorpo</i> Regilene Aparecida Sarzi-Ribeiro	101-115
<i>Rupturas identitárias na produção artística de Cindy Sherman e Yasumasa Morimura</i> Jacks Ricardo Selistre e Rosa María Blanca	116-129
<i>A supressão do outro no episódio do Queermuseu: a liberdade de expressão sob coerção e o que pode o ativismo queer</i> Rafael Luiz Zen	130-154
<i>Corpographies: explorations du corps face au politique</i> Martha Liliana Amorocho	155-170

SEÇÃO ABERTA

Convergências entre o sublime e o grotesco na arte romântica 171-198
Milla Bioni Guerra

Paisagens descritivas: o registro de lugares possíveis na obra de Frans Post 199-216
(1612-1680)
Daiana Schröpel

PROPOSIÇÕES, REGISTROS E RELATOS ARTÍSTICOS

Vox et facies para o retrato 217-228
Rodrigo de Almeida Cruz

SOBRE AS NARRATIVAS DO EU E DO OUTRO NAS ARTES VISUAIS

A problemática do indivíduo acompanha e persiste na História da Arte, seja através da singularidade biográfica, do problema do retrato, das questões do auto e hetero- representação do corpo, seja através da valorização dos feitos individuais extraordinários, dos rastros notórios ou anônimos, dos registros de caráter mais ficcional ou com ênfase no realismo documental. Pelo menos desde Giorgio Vasari, sob as mais diferentes concepções e abordagens, sob as mais variadas perspectivas metodológicas e conceituais, na história como nas artes, um contingente muito amplo de autores têm se ocupado deste assunto.

Marcel Schwob, em seu livro *Vidas Imaginárias*, reflete sobre a relação entre os detalhes individuais e as ideias universais, afirmando que cada personagem tem um traço único que o distingue do restante da humanidade. Observa que assim como não há no mundo folha alguma que seja igual à outra, também não há um homem igual ao outro, sendo que e o que cada um possui de diferente constitui sua imparidade. Sobretudo ao longo do século XX historiadores, artistas e uma diversidade de teóricos e críticos têm se voltado para este horizonte, explorando as complexidades e implicações que demandam as formulações narrativas e visuais em torno do eu e do outro.

Um exemplo pode ser apontado em Walter Benjamin, o qual considerou o declínio da narrativa oral, permitindo-nos perguntar se a mesma não teria sido deslocada para o domínio das imagens visuais. Outro exemplo pode ser reconhecido em Michel Foucault, para quem os sujeitos são constituídos num regime de verdades discursivas, levando-nos a considerar que tanto a arte constitui o artista, como é constituída num campo de relações e saberes.

Tendo como tema *Narrativas do eu e do outro nas artes visuais*, a Revista Palíndromo número 21 acolhe trabalhos que abordam as relações entre arte e histórias de vida, retratos e autorretratos, biografias e autobiografias que se apresentam de múltiplas formas no fazer artístico contemporâneo.

Na **Seção Temática**, Rita Isabel Vaz e Bernadette Maria Panek apresentam o artigo *Tecendo memórias e ausências: autobiografia como matéria da arte*, onde refletem sobre a autobiografia a partir de obras autorais e dos artistas Louise Bourgeois, Frida

Kahlo e José Leonilson. O texto aborda como as memórias possibilitam a criação de obras de arte, articulando-se com os autores Gaston Bachelard, Philippe Lejeune e Georges Didi-Huberman.

Em *O fim d'artista: desconstrução e reconstrução do eu pelo processo criativo*, Jéssica Becker reflete sobre a identidade da mulher frente à maternidade. Relaciona seu vídeo autoral *O fim d'artista* com obras de outras artistas mulheres e questiona se existe uma interiorização do Outro na identidade do artista e se isso pode ser um propulsor na construção sobre as narrativas de si.

Marlen de Martino em seu texto *Homo Fragilis: Lygia Clark e as confissões heterotatógráficas* escreve sobre a artista Lygia Clark a partir de Estruturação do Self, um conjunto de proposições da artista. A autora defende as autobiografias e confissões artísticas como parte constitutiva de sua produção e aborda o termo *heterotatógrafia* a partir de Juliano Garcia Pessanha.

Francine Regis Goudel em *Memória e imagem nas obras de Juliana Crispe*, escreve sobre a artista a partir de uma perspectiva mais intimista, deslindando ao leitor também o seu encontro com a artista enquanto pesquisadora. Apresenta a relação entre a biografia de Juliana Crispe e suas obras, destacando a maneira como a memória se faz presente em seus trabalhos.

Anelise Valls Alvarez em *A construção de si mesma: a presença da figura de Kiki de Montparnasse* no cenário vanguardista apresenta Alice Prin e a figura que criou como musa de pintores, escultores e cineastas. Muito mais do que reconhece-la como modelo, a artista é situada no contexto das vanguardas do início do século XX.

Regilene Aparecida Sarzi-Ribeiro em *O dispositivo videográfico e as narrativas de si mesmo e do outro: videocorpo* aborda o vídeo Entre de Nina Galanternick como obra performática, para além do registro e documentação. O vídeo estaria mais próximo de uma linguagem plástica audiovisual, neste caso videocorpo, do que de um dispositivo de captação de imagens no sentido mecânico.

Em *Rupturas identitárias na produção artística de Cindy Sherman e Yasumasa Morimura*, Jacks Ricardo Selistre e Rosa María Blanca propõem uma análise *queer* das obras dos artistas. Refletindo sobre os sujeitos e suas múltiplas identidades, os autores atentam que a abordagem *queer* possibilita leituras plurais das obras de arte, desconstruindo identidades fixas e mostrando-se como um termo constantemente ressignificado.

Rafael Luiz Zen em *A supressão do outro no episódio do Queermuseu: a liberdade de expressão sob coerção e o que pode o ativismo queer*, aborda a dessubjetivação da expressão individual no episódio do fechamento da exposição *Queermuseu* e das obras da artista Bia Leite. Refletindo sobre a liberdade de expressão, o autor apresenta o ativismo identitário como uma opção para a busca de um espaço discursivo onde o outro é reconhecido.

Martha Liliana Amorocho em seu artigo em francês *Corpographies: explorations du corps face au politique* discorre sobre o corpo como território político, utilizado com frequência como espaço de protesto por artistas mulheres. Artistas como Lisette Urquijo, Regina José Galindo, Maya Goded e Lorena Wolffer são consideradas para pensar as paisagens íntimas, as cartografias e fronteiras do corpo na arte.

Na **Seção Aberta**, Milla Bioni Guerra em *Convergências entre o sublime e o grotesco* na arte romântica explicita os conceitos estéticos de sublime e grotesco que tem origem na literatura e, mais tarde, são utilizados na arte. A autora apresenta as características, as convergências e divergências dos conceitos a partir do romantismo.

Daiana Schröpel em seu texto *Paisagens descritivas: o registro de lugares possíveis na obra de Frans Post (1612-1680)* apresenta três obras do artista participante da missão científica do século XVII. A autora evidencia suas obras não apenas como registros visuais descritivos, mas como imagens construídas entre a realidade e o artifício.

Na parte de **Proposições, registros e relatos artísticos**, Rodrigo de Almeida Cruz apresenta *Vox et facies para o retrato*, uma série de fotografias onde problematiza a questão do retrato frente à palavra e à imagem. O autor exhibe detalhes de sua série *Os dias*, onde fragmentos do rosto de pessoas são apresentadas junto a relatos sobre o seu cotidiano. Trata-se de depoimentos sobre eventos ordinários que, na composição com os retratos, tornam o espectador ou leitor uma testemunha do detalhe de uma vida.

Rosângela Miranda Cherem
Viviane Baschiroto
Editoras de Seção